

“SER E TEMPO” E A ONTOLOGIA EXISTENCIAL DE MARTIN HEIDEGGER: HÁ DE FATO UMA PREOCUPAÇÃO MORAL COM O SENTIDO DAS COISAS?

“BEING AND TIME” AND MARTIN HEIDEGGER’S EXISTENTIAL ONTOLOGY: IS THERE A REAL MORAL CONCERN WITH THE MEANING OF THINGS?

Ciro Portella Cardoso

Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: ciro.cardoso@hotmail.com

Marcelo Cacinotti Costa

Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: mccacinotti@hotmail.com

Tiago Anderson Brutti

Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, Brasil. E-mail: tbrutti@unicruz.edu.br

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v3i1.78>

Recebido em: 05.01.2022

Aceito em: 27.01.2022

Resumo: Este trabalho busca compreender a centralidade da pergunta pelo ser na obra “Ser e Tempo”, do filósofo alemão Martin Heidegger. A obra, publicada em 1927, corresponde a uma investigação ontológica, por assim dizer, concreta, que busca esclarecer o sentido do ser partindo de um ente determinado, o ente que somos nós. Heidegger é reconhecido como um dos pensadores mais influentes do século XX. A obra “Ser e Tempo” representa, com efeito, um marco da filosofia contemporânea. O pensamento de Heidegger abrange diferentes áreas do conhecimento, as quais servem como fonte de inspiração para a construção das obras do filósofo.

Palavras-chave: Ser. Tempo. Ontologia. Esquecimento.

Abstract: This work seeks to understand the centrality of the question about being in the work “Being and time”, by the German philosopher Martin Heidegger. The work, published in 1927, corresponds to an ontological investigation, so to speak, concrete, which seeks to clarify the meaning of being starting from a determined entity, the entity that we are. Heidegger is recognized as one of the most influential thinkers of the 20th century. The work “Ser e Tempo” represents, in effect, a landmark of contemporary philosophy. Heidegger’s thought encompasses different areas of knowledge, which serve as a source of inspiration for the construction of the philosopher’s works.

Keywords: Ser. Time. Ontology. Forgetfulness.



1 Considerações iniciais

Na antiga Atenas, os seguidores de Platão certo dia reuniram-se para discutir a seguinte pergunta: “O que é o Ser?”. Logo após grande reflexão, chegaram a uma resposta: “É um bípede implume”. Todos se mostraram contentes com a definição até que Diógenes, o Cínico, adentrou na sala com uma galinha viva depenada, gritando “Vejam! Eis um ser humano!”. Depois do tumulto, os filósofos reuniram-se novamente e aprimoraram sua definição. O ser humano, eles disseram, é um bípede implume com unhas largas. Esse fato curioso da história antiga da filosofia mostra o tipo de dificuldade que os filósofos às vezes encaram ao tentar criar definições gerais, abstratas, do que é o ser humano. Mesmo sem a intervenção de Diógenes, fica claro que descrever a nós mesmos como bípede implume não expressa realmente muito do que significa o ser humano (GLOBO, 2011).

A Filosofia desde sempre vive às voltas com a questão da “verdade do ser”. Por isso, Heidegger propõe algumas concepções tradicionais acerca do Ser, tendo a pretensão de depurar este conceito. De acordo com Heidegger, a filosofia complicou-se em não distinguir o ser e o ente e ao distanciar-se de suas origens na Grécia antiga (FRANÇA, 2013). É no confronto com o pensamento aristotélico que Heidegger dirá que “a verdade no sentido de desvelamento constitui o caráter próprio do ser, pensado por sua vez como presença” (VOLPI, 2013, p. 150).

O filósofo da Floresta Negra, ao avaliar a história da filosofia, compreende que todas as vezes que os filósofos arriscaram falar do ser, disseram apenas do ente. Por isso: “A analítica existencial tem como primeiro efeito a superação da entificação do ser que era confundido com um ente determinado em cada época da metafísica” (STEIN, 2008, p. 287). Assim, a obra *Ser e Tempo* constitui-se em uma investigação ontológica concreta que busca elucidar o sentido do ser partindo de um ente determinado, esse ente que somos nós.

2 A existência humana e a ontologia heideggeriana

Para Heidegger, a existência humana é o que constitui a questão fundamental da filosofia. Deste modo, ele estava interessado principalmente na Ontologia (do grego *ontos*, “ser”), que examina as questões sobre o ser ou existência.

A sugestão ontológica é pensar o Ser a partir de sua manifestação, ou seja, na existência, propriamente no ser humano em quem o Ser se manifesta por excelência. O filósofo alemão afirma que: “A investigação de uma ontologia fundamental deve começar pela análise do homem, enquanto está nele a questão do ser” (HEIDEGGER, 1997, p. 315). De tal modo, o ser que fora antes esquecido pela filosofia é retomado por Heidegger, por meio da ontologia, sob novo viés: a própria existência humana. Como define Levinas (1997, p. 22):

A ontologia, dita autêntica, coincide com a facticidade da existência temporal. Compreender o ser é existir [...] A ontologia não se realiza no triunfo do homem sobre a sua condição, mas na própria tensão em que esta condição assume [...] O homem inteiro é ontologia. Sua obra científica, sua vida afetiva, a satisfação de suas necessidades e seu trabalho, sua vida social e sua morte articulam, com um rigor que reserva a cada um destes momentos uma função determinada, a compreensão do ser ou da verdade.

A palavra existência refere-se ao *Dasein*¹, afirmando quanto a este termo (ser-aí, existência humana, estar), ele prefere “ser-aí”, sob o argumento de considerar mais adequado este sentido, permitindo ver os elementos que unificam o conceito: *Da* e *Sein*. O *Da* de *Dasein* é fundamental para o autor de Ser e Tempo. Embora não signifique para ele propriamente “aí”, mas abertura de um ente, o ente humano, para o ser – *Sein*. *Dasein* costuma ser traduzido por “ser-aí” (RUIZ DE AZÚA, 1997).

O *Dasein* é preeminente sobre todos os demais entes porque no curso de sua compreensão ontológica, se abre à realidade do ser. Ele compreende a si mesmo a partir da existência, entendida esta não como uma existência determinada, mas como possibilidade, isto é, o “poder-ser-si-mesmo” do *Dasein* (NUNES, 1999).

A evidência dada por Heidegger à intenção ontológica das análises da existência humana impede qualquer tentativa de interpretação das mesmas, num sentido psicologista ou antropológico. Na “Carta sobre o humanismo”, o autor rejeita expressamente qualquer aproximação entre as orientações fundamentais do seu pensamento com o que se costumou chamar de existencialismo. Waelhens (1955, p. 3) observa que Heidegger:

[...] pelo menos em intenção, é um adversário determinado do conceito de existencial tal como o entende, por exemplo, Karl Jaspers. Este considera como sendo exclusivamente uma descrição das possibilidades concretas oferecidas a tal existência humana e isso, sem que o estudo dessas possibilidades possa nos conduzir a uma doutrina geral da existência ou do ser, doutrina contra a qual se insurge a natureza mesma da existência.

Heidegger traz para a própria existência humana a reflexão sobre o ser, e principalmente sobre *Dasein*, isto porque, a existência é o que há de mais peculiar, “é o homem considerado em seu modo de ser, é o *Dasein*, o ser aí, em que indica ao mesmo tempo seu ser de fato, seu encontrar-se no mundo sem ter-se colocado ali por conta própria, é o lugar em que se manifesta o ser” (ROVIGHI, 1999, p. 399).

A existência é ontologia, e ainda ao mesmo tempo em que é eventual, é necessária, a essência deste ente está em ter de ser. O ente em sua essência se dá por aquilo que ele é enquanto existência, portanto, o ente é finito. Portanto, “há concebido a partir de seu ser” (existência) (HEIDEGGER, 2002).

Ao descrever que o conceito de ente e que nós mesmos somos o objeto a ser analisado, Heidegger defendeu que, se quisermos explorar as questões do ser, temos que dar início com nós mesmos, examinando o que, para nós, é existir.

3 O ser e o esquecimento do sentido das coisas

O fio condutor de todo desenvolvimento da obra de Martin Heidegger é a questão do Ser em sentido geral, ou mais precisamente, no sentido de ser na multiplicidade de suas acepções. A questão do ser se faz como função primordial da ontologia, que de acordo com Heidegger (1960, n.p): “A questão do ser caiu, hoje, no esquecimento, embora nossa época considere como um progresso aceitar novamente a metafísica”.

1 O vocábulo *Dasein* costuma receber as seguintes traduções na língua portuguesa: presença, o ser, existência, vida, pela vida, vivência (DICIONÁRIO DE ALEMÃO-PORTUGUÊS, 1997).

De acordo com Heidegger, os gregos postularam a questão do problema do Ser do modo mais obscuro porque o colocaram além da física, ou seja, na metafísica. Devido a esse distanciamento, Heidegger pretende estabelecer uma aproximação do Ser, formulando a pergunta de maneira clara: “Elaborar a questão do Ser, significa, portanto, tornar transparente, um ente, o que questiona em seu Ser” (HEIDEGGER, 2002, p. 33).

Heidegger (1996) defende que a metafísica, desde seu primórdio, não procurou responder a questão ontológica fundamental da verdade do ser. Sendo assim, verificada a incapacidade da metafísica no seu ofício de pensar o ser, essa deve ser superada. Com o experimento de corrigir os erros cometidos pela metafísica no que diz respeito ao esquecimento do ser, Heidegger diz que: “Ser enquanto presença é determinado pelo tempo”. Mas o ser é indefinível; “o ser é conceito evidente por si mesmo” (HEIDEGGER, 1993, p. 29).

Heidegger (1996, n.p) assegura que o ato de exercer a filosofia se dá na medida em que o homem passa a existir. De forma mais clara, cabe dizer que o homem é um modo de ser privilegiado do ente, pois este detém o poder de questionar a verdade do ser. O filósofo afirma a esse respeito: “Somente o homem, em meio a todos os entes, experimenta, o chamado pela voz do ser, a maravilha de todas as maravilhas: que é o ente”. Em meio ao pensamento tradicional ocidental, Heidegger aponta para um defeito na metafísica, que é distanciar o ente do ser:

O ser não é pensado em sua essência desveladora, isto é, em sua verdade. Entretanto a metafísica fala inadvertida revelação do ser quando responde suas perguntas pelo ente enquanto tal. A verdade do ser pode chamar-se, por isso, o chão no qual, a metafísica, como raiz da árvore da filosofia, se apoia e do qual retira seu alimento. Pelo fato da metafísica interrogar o ente, enquanto o ente, permanece ela junto ao ente e não se volta para o ser enquanto ser (HEIDEGGER, 1996, p. 77-78).

A metafísica reduziu o ser do ente à certeza da representação e à vontade de controle como vontade do sujeito de diminuir tudo a si mesmo. É pensamento que, mesmo ao pôr o problema do ser, o esquece de imediato e se limita a ponderar a simples hegemonia do ente. De forma obscura, a diferença ontológica e comprimido ente a um sistema universal de fundação administrado pelo princípio de razão suficiente, já não fica nenhum ente realmente oculto. Tudo é conhecido por intermédio dos métodos racionais (de fundar e explicar), da ciência e da técnica moderna. O embasamento de validade deste princípio é mandado ao homem que, enquanto ente capaz de conhecer, instituiria o mundo em que os entes surgem a partir da redução do ser à objetividade e do mundo ao seu sujeito, sendo que este bem poderia ser um resultado que se alcança no laboratório do cientista como uma invenção de uma atividade humana (COCCO, 2006).

Heidegger confere o pensamento socrático aristotélico ao esquecimento do ser. O tempo, que poderia admitir a possibilidade de um sentido para a existência, passa a ser uma forma de vida não autêntica tornada para o controle moral da conduta humana (SCHUCK, 2015).

O esquecimento do ser não aparece como uma culpa ou queda do homem nas reflexões de Heidegger, mas incide porque o modo efetivo do cometimento principal é constritivo, viabilizando o seu velamento. O ente humano, livre pelo deixar-ser da identificação do ser, entra na técnica e suas funcionalidades para fazer, produzir, computar e explorar. A técnica não o faz perceber a sua necessidade, a sua pobreza, a sua carência de fundamento e, deste modo, advém o viver em uma contemporaneidade líquida, rápida, produtiva, mecanizada e atômica. A ciência procura através de seus métodos, sistemas e funcionalidades: determinar, prever e manipular. É

o ente como o disponível para o poder de mensurar, catalogar, criar estatísticas e formar padrões (BRANCO, 2018).

A tentativa de corrigir os desvios desta ciência à luz da diferença ontológica ampara a crucial necessidade suscitada pelo autor de superação da metafísica tradicional. A retificação, que teve como consequência a superação da metafísica à moda heideggeriana, forma o legado do filósofo à contemporaneidade. Nesse aspecto, todo o legado do filósofo à contemporaneidade encontra seus pressupostos e através desta noção de ser que se revela e encontra seu sentido no tempo.

4 O pensamento heideggeriano e a preocupação moral com o sentido das coisas

Não é incomum rotular a obra heideggeriana de amoral, simplesmente porque jamais teria esboçado qualquer menção ética no bojo de suas constatações filosóficas. Embora inexista, de fato, uma abordagem expressa sobre a ética ou sobre a moral, é fato que sua preocupação central pode ser caracterizada, de modo sintético, como uma pré-ocupação sobre a relação entre o sentido e o tempo, ou seja, somente é possível afirmar, em termos semânticos, que algo é no tempo. Talvez Heidegger seja o único que tenha conseguido demonstrar filosoficamente a autoridade moral da tradição, que não se pode atribuir sentido às coisas, sem um contexto de intersubjetividade que o ampare, legitime e justifique. Tudo o mais é arbítrio!

Assim, indaga-se: preocupar-se com o sentido das coisas, afirmar que as coisas somente são dentro de um contexto polissemântico, levando sempre em consideração a tradição histórica (tempo) não se constitui como um agir moral?

O tempo originário se revela realmente como horizonte do ser? Ou seja, tendo procurado superar a visão de tempo tradicional em direção à temporalidade originária do ser humano, é possível, agora, repensar o ser para além da objetificação e presentificação tradicionais?

A compreensão do ser se realiza a partir do cuidado e da fuga do cuidado, a razão disso é “a tendência do *Dasein* de entender o ser ‘sem o tempo’, ou seja, como permanente presença”. A questão é: como sair desse estado e conquistar novamente a si mesmo, evitar a fuga e encaminhar-se para a autenticidade? Por meio do estado que a angústia provoca, mostra Heidegger (1998, § 40), em *Ser e Tempo*, ela revela novamente a finitude do *Dasein*, atestada no ser-para-a-morte.

Mas como se dá a pergunta sobre o sentido do Ser? Em primeiro lugar, colocar o sentido do ser em questão é pretender repensar de outro modo o fundamento da nossa compreensão e do nosso próprio Ser. Ser é o âmbito do aberto, mas é também condição de possibilidade do desocultamento.

Como o *Dasein* já é sempre no mundo, é ser-no-mundo, é uma abertura finita e histórica. Com base neste fato, encurtam-se as possibilidades de fundamentação da compreensão, que deverá ser entendida a partir da abertura finita do mundo e não por recursos artificializados, a-históricos e com pretensão de verdade última (A interpretação é algo com um contexto de significabilidade).

Mas por que há no *Dasein* essa tendência de decair, de instalar-se no seu mundo? Heidegger dirá que é porque quando ele toma consciência do fundo do qual ele emerge, ao

procurar compreender-se pelas raízes, ele pode descobrir que aí não há nada, há um vazio. Percebe que não há apoio em lugar nenhum, que seu fundamento é precário, que não há fundamento como ponto de apoio objetivo. Descobre-se ele como a abertura finita do mundo. O único apoio é seu 'aí' (*Da*).

Como fazer então para que a singularidade da vida humana possa se mostrar? A irrupção para o Ser próprio se dá no encontro com a experiência da contingência: não há nada por trás, não há sentido objetivo. A propriedade resiste à tendência da fuga, está voltada para o nada, e isso significa vir ao mundo mais uma vez.

Na 1ª seção de “Ser e tempo”, Heidegger descreve a condição imprópria da cotidianidade. Na 2ª seção, a temporalidade se apresenta como o horizonte de compreensão do ser (o encontro consigo mesmo, com os entes dados e com a tradição, revela a compreensão como algo dissociado do ser absoluto, estável e eterno).

O horizonte aberto do tempo mostra que coisas incertas nos aguardam no futuro, mas uma, embora imprevisível, é certa: a morte (ST, § 46 a 53). O ser-para-o-fim está dentro da própria vida. E cada um tem de morrer a própria morte, ninguém pode ser substituído e nem substituir outrem nesse acontecimento – daí a singularidade própria, mostrando a impossibilidade de repousar no tempo ou consolar-se com pensamentos de eternidade – o sentido não é presente, mas acontecimento!

Mas a partir de onde o *Dasein* pode escolher entre possibilidades diferentes daquelas concedidas pelo ‘a gente’? Heidegger dirá (1998, § 54 a 60) – chamado da consciência. Visto a partir da temporalidade, o *Dasein* se projeta para o futuro e retrocede ao passado, antecipando-se à morte ele se liberta do ‘a gente’ e vê a sua situação de possibilidade.

O *Dasein* que se apropria de si mesmo reconhece o mundo como um abismo em que ele mesmo se encontra como ser-no-mundo. Esse fundamento sem fundo, como tal, encontra suas raízes e liberta-se enquanto ser de puras possibilidades (nu e sem lar).

Temporalidade e abertura própria. Para que se possa repensar o ser humano originariamente, é preciso partir não do tempo em sentido habitual, como simples sucessão de “agoras”, mas do tempo enquanto historicidade, ou melhor, a temporalidade (ST, §68). O futuro temporalizado de forma própria se expressa na antecipação da morte.

5 Considerações finais

A publicação de “Ser e tempo” com a determinação do ser em sentido geral comporta uma experiência de subtrair a hipoteca geral que atinge a ontologia, que é colocado em seu conjunto. A não satisfação de Heidegger com a forma como a questão é apresentada em Ser e Tempo deve ser remetido à instabilidade do ser em geral por parte do ser do *Dasein*.

Heidegger busca através de sua obra novos horizontes na filosofia contemporânea ao que historicamente permaneceu esquecida. A recepção humana ao não humano para se desarticular do estado formado por máquinas, nega a história do ser e acaba esquecendo-o seguramente. Por isso a promoção do homem, com a ida ao encontro do fundamento exige a mais clara diligência para a verdade, requer a frente à essência do verdadeiro. Para Heidegger, o lançamento do pensamento tão para o interior do fundamento, que a verdade do ser passe a se esclarecer

originariamente.

As discussões de Heidegger frente aos desdobramentos da metafísica e da ontologia demonstram tanto a finalidade do filósofo de retificar os descaminhos que acarretaram o pensamento ao esquecimento do ser, quanto ao seu alvo de depurar o conceito de verdade. Desta forma, Heidegger aponta a incapacidade da metafísica na realização da tarefa construir a verdade do ser.

Referências

- BRANCO, Rodrigo Amorim Castelo. **A maquinação a partir do abandono e do esquecimento do ser em Heidegger**. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa - BA, v.19, n.2, p.22-40, junho, 2019.
- BRANCO, Rodrigo Amorim Castelo. **Do esquecimento do ser à serenidade: o pensamento entre o primeiro princípio e o outro princípio em Heidegger**. Universidade de Brasília - Instituto de Ciências Humanas - Departamento de Filosofia. Brasília. 2018.
- COCCO, Ricardo. **A questão da técnica em Martin Heidegger**. Controvérsia – v.2, n.1. 2006.
- FRANÇA, Fabiano Leite. **O legado de Heidegger à contemporaneidade**. Kínesis. Vol. V, nº 10. Belo Horizonte. 2013.
- GLOBO. **O livro da filosofia**. Tradução Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. **Sien und zeit**. Tubingen: Max Niemayer, 1960.
- HEIDEGGER, Martin. **O ser e tempo**. Os filósofos através dos textos de Platão a Sartre. São Paulo: Paulus, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. **Kant y el problema de la metafísica**. Alianza Editorial. Madrid. 1993.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes. 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da verdade**. In: Heidegger. Os Pensadores. 6 ed. Trad.: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural. 1996.
- LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaio sobre a alteridade**. Pergentino S.; Pivatto et al. Petrópolis: Vozes. 1997.
- NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia**. Rel Hamuío: UFMG, 1999.
- ROVIGHI, Sofia, V. **História da filosofia contemporânea: do século XIX à neoescolástica**. São Paulo: Loyola, 1999.
- RUIZ DE AZÚA, Javier Bengoa. **De Heidegger a Habermas: hermenêutica y fundamentación última en la filosofía contemporânea**. Barcelona: Herzer, 1997.

SCHUCK, Neivor. **O conceito de religião em Heidegger**: uma possibilidade de superação da fenomenologia da religião. São Paulo: PUC, 2015.

SOUZA, R. Timm de. In: PECORARO, Rossano (Org.). **Os filósofos**: clássicos da filosofia, de Ortega y Gasset a Vattimo. Petrópolis: Vozes, 2009.

STEIN, Ernildo. In: PECORARO, Rossano. (Org.). **Os filósofos**: clássicos da filosofia, de Kant a Popper. Petrópolis: Vozes. Vol. II. 2008.

VOLPI, Franco. **Heidegger e Aristóteles**. Tradução José Trindade dos Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

WAELEHENS, Alphonse de. **La philosophie de Martin Heidegger**. 4. ed. Louvain, Belgique: Publications Universitaires de Louvain, 1955.